

INFOSLOF

Nº 04 | Ano I

ÍNDICE

EDITORIAL
01AGENDA
03PRIMEIRAS
JORNADAS DE
CARTÉIS
04ENTREVISTANTOS
08

Todas as atividades
publicadas
acontecem no
horário de Brasília.



EDITORIAL

Eis aqui o número 4!

O paradigma da estabilidade perfeita, do equilíbrio da massa.

Em Psicanálise o conceito de estabilidade não se sustenta como ferramenta ou chave de leitura, uma vez que o desequilíbrio, sabemos, é o que mantém o desassossego elementar, move as forças vitais.

A vida humana acontece na rotina da pulsão, na variação constante da palavra e seu casamento, sempre por um triz, com o sentido, nos assombros mínimos de cada dia...

Nessa edição do INFOSLOF o leitor encontrará o Programa das nossas Jornadas, a primeira, que ocorrerá nos próximos dias. Fruto de um trabalho produzido entre muitos, será um momento inaugural de vozes juntas na distante geografia. A língua (e toda a sua repercussão simbólico-imaginária) metrifica ou anula distâncias. No caso, faremos unidade de trabalho via desejo pela causa analítica.

Nesse primeiro grande encontro traremos à luz o fazer do analista que, via de regra, solitário, precisa forjar encontros para se obter e verificar efeitos de formação.

A interlocução entre os iguais na desigualdade favorece a verificação dos princípios e, ao mesmo tempo, a reafirmação do não genérico na prática analítica.



Quem somos

Diretor Geral:

Rômulo Ferreira da Silva

Diretora Secretária-Tesoureira:

Ordália Alves Junqueira

Diretor de Intercâmbio e

Cartéis:

Ary Farias

Diretora de Biblioteca:

Bartyra Ribeiro de Castro

Conselho da SLOf

Elisa Alvarenga (Presidente)
Renato Carlos Vieira (Secretário)
Cristiano Alves Pimenta
Fábio Paes Barreto
Geraldo Alberto Viana Murta.
Tania Regina Anchite Martins

Comissão de Publicação

Denizye Zacharias
Lucas Fraga Gomes
Ricardo Rezende

Ao priorizar nessas primeiras Jornadas os produtos de Cartéis, a Diretoria da SLOf sinaliza de modo evidente que uma formação advém do trabalho efetivo e não de uma elucubração infinda de conceitos. O dispositivo do Cartel pede provas, não se contenta com o ronronar vazio da teoria pela teoria. Isso por si só deveria instalar em ti, incauto leitor, uma boa pressa em se inscrever nessa jornada que trará elementos imprescindíveis de COMO SE FORMA UM ANALISTA.

Nessa edição o leitor também continuará a recolher os breves argumentos de questões cruciais à formação, numa perspectiva muito singularizada do ENTREVISTANTOS.

Por fim, aquilo que não quer e não pode calar: a imagem!

“Pai, não vês que estou queimando?”

Não, não se trata de um sonho! Isso é um efeito do real secretado pelos poros passionais por onde a vida, segundo Lacan, se engana, se extravia: as paixões.

No caso, as paixões do ódio e da ignorância.

A imagem é de uma tristeza atroz, que queima as nossas retinas e faz brasa naquilo que deveria ser nosso compromisso maior: o respeito e a valorização primordial da vida em toda a sua forma e amplitude.

Amazônia e Pantanal em chamas!

Tempos de Messias e retroações desprezíveis.

A apoteose da estupidez!

Bons encontros!

Ary Farias

Diretor de Cartéis e Intercâmbio

AGENDA - Outubro/2020

- **Atividades das terças-feiras (20h30):**

Dia 06

"O lugar e o laço" - Cap VII "O real é sem lei"

Seminário de Orientação Lacaniana

Apresentação: Cristiano Alves Pimenta - EBP/AMP

Coordenação: Tânia Anchite Martins - EBP/AMP

Dia 13

A experiência psicanalítica em tempos de pandemia

Apresentação: Membros da SLOf

Coordenação: Rômulo Ferreira da Silva - EBP/AMP

Dia 20

A Supervisão

Apresentação: Rômulo Ferreira da Silva - EBP/AMP

Coordenação: Elisa Alvarenga - EBP/AMP

Dia 27

"A Neurose Obsessiva na Atualidade" -

Incidências do ultimíssimo ensino de Lacan sobre a experiência de análise

Noite de Biblioteca

Apresentação: Alberto Murta - EBP/AMP

Comentadora: Elisa Alvarenga - EBP/AMP

Coordenação: Bartyra Ribeiro de Castro - EBP/AMP

- **Seminário ao próprio risco:**

Dias 22 e 29 – às 20h

"O CASO CLÍNICO: construção e relato"

Seminário Clínico on-line (GO e DF)

Responsável: Ordália Alves Junqueira - EBP/AMP



DIRETOR GERAL: ROMULO FERREIRA DA SILVA (SP)

COORDENAÇÃO GERAL: ORDÁLIA ALVES JUNQUEIRA (GO)

CONVIDADO ESPECIAL: ROMILDO DO REGO BARROS (RJ)

1-COMISSÃO CIENTÍFICA:

ELISA ALVARENGA (Coordenadora)
Carla Serles (MS); Denizye Zacharias (GO); Ruskaya R. Maia (GO).

2-COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO- BOLETIM SLOf:

BARTYRA RIBEIRO DE CASTRO (Coordenadora)
Denizye Zacharias (GO); Lucas F. Gomes (ES); Ricardo Rezende (MS).

3- COMISSÃO DE DIVULGAÇÃO

JAQUELINE MOREIRA (Coordenadora)
Angélica F. Santini (DF); Gabriel B. Caixeta (DF); Glaucia F.V. Nascimento (ES); Juliana Prado (Aps); Luciana Pedron (DF); Luiz Carlos Brandão (GO).

4- COMISSÃO DE LIVRARIA

CARLA SERLES (Coordenadora)
Olenice A. Gonçalves (ES); Fernanda Pires (MS); Gize de Bessa (MS); Helen Guerra (MS).

5- ASSESSORIA TÉCNICA E INFRAESTRUTURA (APOIO VIRTUAL)

BRUNO SENNA (EBP)

COMISSÃO *ad hoc* Redes-SLOf:

CRISTINA A. B. SANTOS (Coordenadora)

Amanda Vargas (MS); Daniel Rancan (DF); Gabriela Malvezzi (SP).

6- SECRETARIA E TESOUREIRA

ORDÁLIA A. JUNQUEIRA (Coordenadora) Ana Paula Fernandes (GO).

PROGRAMA

DIA 09/10 (SEXTA-FEIRA)

18:00 ABERTURA:

Rômulo Ferreira da Silva – Diretor da Seção Leste Oeste (em formação)

Ordália A. Junqueira – Diretora da I Jornada da Seção Leste Oeste (em formação)

Nohemí Brown - Diretora de Cartéis e Intercâmbio da Escola Brasileira de Psicanálise

18:30 – 20:00 O Cartel e a formação do analista

Coordena: Carla Serles (EBP/AMP)

O cartel e o laço – Renata Tavares Imperial

O cartel e a formação do analista – Simone Souza Vieira

O cartel como efeito de formação do analista – Geanine Lucas Vieira

Tornar-se um psicanalista – Renato C. Vieira (EBP/AMP)

O ato analítico e a desmontagem da defesa – Ruskaya Maia (EBP/AMP)

20:00 – 21:30 CONFERÊNCIA – A Formação do analista (Parte I)

Romildo do Rego Barros AME (EBP/AMP)

Coordena: Ary Farias (EBP/AMP)

Debate: Alberto Murta (EBP/AMP)

DIA 10/10 (SÁBADO)

09:00 – 10:30 Formação do analista e psicanálise aplicada

Coordena: Bartyra Ribeiro de Castro (EBP/AMP)

Uma experiência de formação em processo – Olenice Amorim Gonçalves

O feminino, mais, ainda, banhado a luto e melancolia – Delza Eloy de S. Gonçalves

Maternidade, insatisfação e análise – Hítala Gomes.

O queer e a crise das nomeações na contemporaneidade – Henrique Alves Lopes

O que se inscreve no corpo Trans? – Suraia O. Veloso Carneiro

10:30 – 12:00 A transferência hoje

Coordena: Denizye Zacharias (EBP/AMP)

Como sustentar a transferência frente às dificuldades de atendimento on-line no tão incerto momento dessa pandemia? – Helen da Costa Guerra

Mergulho: uma experiência de cartel – Gize de Bessa Catarineli

Aposta na transferência – Gabriel Caixeta

Os atos na psicanálise – Melissa Fukuchi Sanches

O vazio em que se situa o analista – Waléria Paixão

12:00 – 13:00 INTERVALO

13:00 – 14:30 Feminino infamiliar ou não-todo?

Coordena: Fernanda Pires

Algumas considerações sobre o gozo da insatisfação – Adriana Gonring

O gozo feminino e seu fundamento – Letícia Ferreira Braga

O gozo feminino em sua ilimitação – Rodrigo Oliveira dos Santos

Uma aproximação entre o gozo feminino e o gozo como tal – Cristina A. B. Santos.

O não-todo é infamiliar – Luis Francisco E. Camargo (EBP/AMP)

14:30 – 16:15 Pedacos do Real

Coordena: Fábio Paes Barreto (EBP/AMP)

O feminino e o infamiliar: cernindo questões – Jaqueline Coelho

Angústia, desejo e gozo no feminino – Cristiano Alves Pimenta (EBP/AMP)

Há um saber no real em psicanálise? – Adriana Pessoa

O Real no sonho – Tânia Martins (EBP/AMP)

A Escola Paradoxal – Lucas Fraga Gomes

A persistência dos restos – Alberto Murta (EBP/AMP)

16:15 – 16:30 INTERVALO

16:30 – 18:00 CONFERÊNCIA –A Formação do Analista (Parte II)

Romildo do Rego Barros AME (EBP/AMP)

Coordena: Rômulo Ferreira da Silva AME (EBP/AMP)

Debate: Elisa Alvarenga AME (EBP/AMP)

18:00 – ENCERRAMENTO:

Elisa Alvarenga – Presidente da Seção Leste Oeste (em formação)

Seguem links de divulgação das I Jornadas da SLOf:

COMO SE FORMA
UM ANALISTA

COMO SE FORMA
UM ANALISTA

COMO SE FORMA
UM ANALISTA

COMO SE FORMA
UM ANALISTA



ENTREVISTANTOS

ENTREVISTANTOS é o lugar preferencial do *affectio societatis* no Boletim INFOSLOf. Neste primeiro momento, sorteamos algumas questões entre os Membros desta Seção (em formação), que tocam alguns elementos e passagens fundamentais à nossa formação como psicanalistas e lhes pedimos que respondessem bastante pessoalmente.

Seguem abaixo, as outras respostas, completando as que já foram publicadas no número anterior.

Pretendemos estender a outros membros da EBP nos próximos números.

Confiram!

ENTREVISTANTOS: Você pode situar um “efeito de formação” em alguma situação de apresentação de trabalho, coordenação de mesa ou na função de debatedor (a), em Jornadas locais, Encontros ou Congressos da EBP/AMP? O que considera que provocou tal efeito?

Se não consegue localizar uma situação como a solicitada, você poderia citar um texto de Freud ou de Lacan que teve um marcante "efeito de formação" para você. Poderia indicar um parágrafo em especial, e como ele provocou tal efeito?

ORDÁLIA JUNQUEIRA – *Não recuar...*

Anos 90, *Noite Clínica*, presença de membros da EBP-SP, apresento um *Caso*. De forma corajosa – própria de principiante - ousou construir um *Caso Clínico* que, em supervisão, foi lido de psicose. Na conversação, sou surpreendida na pontuação de um (hoje) colega da EBP: “*Condução difícil de se fazer... caso interessante. Vá em frente!*” A partir dali o *não recuar...* faz corpo. Recorte do *Caso Muricalme*- remédio dado pela mãe, quando *Muri* tinha “visões noturnas de monstros na parede”. Na condução do tratamento, o estado *paranoide* considerado, o uso de arma de fogo foi questionado pela 1ª vez pelo paciente, na época com 35 anos, que decide se *desarmar*. Para bem localizar o *efeito de formação*, a partir daqui, necessito voltar a um momento teórico, enlaçado no *só depois*.

Final dos anos 80, ambulatório de psiquiatria-Salvador/BA. *Discussão de caso*, ouço pela 1ª vez: “*Lacan nos orienta a não recuar frente a psicose*”. Um *saber de fonte* que, sempre interessada pelos psicóticos, mesmo em meu curto percurso na psicanálise, sob o impacto dessa enunciação lacaniana, sou convocada a iniciar estudos de OL (na Clínica Freudiana), com o *Caso Schreber*. Após 8 anos, já em CG, construo e apresento o *Caso Muricalme*.

Sempre atualizados, *efeitos de formação* estão no caminho. A exemplo, os estudos da *Psicose Ordinária*, por conta do Encontro de Membros-2018, que culmina em Barcelona em um *neoenlaçamento de fonte*: *O que a PO nos ensina?* Um mais além do *não recuar*, enlaça uma condução cuidadosa, sob transferência: [...] *certas psicoses não conduzem a um desencadeamento: [...] apresentam uma desordem no ponto de junção mais íntima dos sujeitos que evoluem sem barulho, sem explosão, mas com um furo, um desvio ou uma desconexão que se perpetua*. (Miller, 2008/2012, *Efeito de retorno...* p. 424).

Enfim, creio que, *não recuar a Muricalme*, me faz seguir, no caso a caso, o caminho da *neoonstrução* de minha formação. O “*Vá em frente!*” de certa forma, me apresenta a porta da Escola. Após alguns anos, *sem recuar*, ousou bater e entrar. Desejo decidido, bem diferente daquele que, como poetiza Pessoa: ... *sempre esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta...*

CRISTIANO ALVES PIMENTA - O início de minha formação

Gostaria de mencionar um momento inicial de minha formação. Foi um Encontro Nacional nos primórdios da EBP, e que contou com a presença de J.-A. Miller. Eu vinha de um questionamento pessoal quanto a uma carreira acadêmica no violão clássico, ao qual havia me dedicado boa parte de minha vida, e já começava estudar composição. Ao lado disso eu era muito envolvido com leituras filosóficas e, por aí, acabou caindo nas minhas mãos o livrinho de Miller "Percurso de Lacan". Foi quando tomei conhecimento de que Miller viria ao Brasil, a Belo Horizonte. Fiz de tudo para estar presente e consegui. Lembro-me de pedir a Celso Rennó, por telefone, que me deixasse participar do Encontro ainda que eu não fosse psicólogo. Ele, é claro, disse que não havia qualquer impedimento. Ouvir Miller falar foi, para mim, um verdadeiro acontecimento. Durante um determinado momento, em uma de suas três apresentações, disse a mim mesmo: "é isso que eu quero para minha vida". Estava totalmente capturado em uma transferência que acabou por me levar, junto com a mulher com quem acabava de me casar, para a cidade de São Paulo. Ali escolhi um analista e comecei minha análise. Fiz uma graduação na USP que acabou sendo um complemento à minha formação, durante quatro anos, na Seção São Paulo, da EBP.

Penso que antes desse encontro com a fala de Miller eu já estava me envolvido com suas elaborações, por meio de seu referido livro. De modo que se fosse para eu localizar o que me capturou em sua fala eu diria que foi, não exatamente um conteúdo clínico/teórico apresentado, mas seu estilo, seu modo argumentativo, respeitoso e, por que não dizer, absolutamente sedutor.

ENTREVISTANTOS: *Tendo ocupado um cargo nas instâncias da EBP, é possível destacar um episódio que modificou sua relação com a causa analítica? Conte-nos!*

BARTYRA RIBEIRO DE CASTRO - A rigor, esta é a primeira vez que ocupo um cargo na Escola. As vezes que ocupei algum cargo antes disso foi como Coordenadora da Delegação ES, que tinha um laço distinto do de Escola própria e estatutariamente dito. Foram muitas vezes e por muito tempo que estive neste lugar, sempre de muito trabalho e empenho de libido.

No entanto, assim que recebi a minha pergunta, algo me remontou à minha entrada ainda em Iniciativa Escola, nos idos bem de antes de 1995. Naquela época, era de praxe escrever uma carta de intenção para fazer parte daquela iniciativa que reunia várias instituições ligadas ao ensino de Lacan, em diversas partes do Brasil, visando a fundação de mais uma Escola do Campo freudiano ligada à AMP. Eu frequentava o Corte freudiano quinzenalmente, no Rio de Janeiro. Ainda não tinha, quando transferi a minha análise, minha supervisão e minha formação teórica para fora de Vitória, qualquer semente de EBP no ES. Não era fácil aquele ir e voltar, mas era a forma de seguir com a psicanálise.

No entanto, eu ainda não havia tido a oportunidade de realmente formalizar uma aposta que testemunhasse uma modificação na minha relação com a causa analítica, o que se fez necessário com o estabelecimento de Iniciativa Escola. Algo deste momento da SLOf me faz lembrar aquele tempo. Mais uma vez, me vejo nesta injunção análise/formação/Escola.

Em um paralelo distante, trago a referência de minha carta de intenção que enderecei a Ronaldo Fabião, na época, que trazia, em síntese, uma frase que eu extraíra de um livro que estava lendo – contava sobre a primeira travessia solitária de Amyr Klink. Oceânica, exigia coragem e decisão. Ele temia o naufrágio. Sua frase, com a qual eu também, temerosa, me lançava àquela travessia, foi: “O pior naufrágio é não partir”.

Este foi um ponto de virada para mim, em direção ao meu desejo de Escola. E, acredito, em relação à SLOf, algo desta decisão se reapresenta. Cá estou, só, mas não desacompanhada. Hoje, não como antes. Eu já sei como muitas vezes se comporta o mar em tempestades. Já posso não temer tanto os naufrágios, embora possam existir e não os queira. Mas, novamente, é melhor partir e atravessar.

ENTREVISTANTOS: Você pode localizar uma experiência de Cartel que tenha efetivamente feito a função de "Porta de entrada" para Escola de Lacan, no que concerne à sua formação analítica?

FÁBIO PAES BARRETO – Inaugurei meu percurso na orientação lacaniana em 1996, período contemporâneo à fundação da EBP. Desde os primórdios da psicanálise de orientação lacaniana em Campo Grande, tenho pautado minha formação pela participação em cartel, como cartelizante ou mais-um, no entendimento de que esse dispositivo se constitui na célula de trabalho da Escola de Lacan. Nos variados cartéis que já participei, a experiência que mais oportunamente responde à questão acima foi desenvolvida sob a rubrica *Discurso capitalista, violência e discurso analítico*, constituído em 2008. Os estudos naquele cartel se debruçaram sobre a clínica e, em especial, como os acontecimentos da violência são efeitos do declínio do Nome-do-Pai na contemporaneidade e se inscrevem na série dos novos sintomas. Minha participação no cartel redundou em uma produção intitulada *Violência sexual, da devastação ao sintoma*, na qual as articulações em uma vinheta de minha clínica constituíam-se num esforço em responder parte da questão pessoal que trazia como cartelizante: os artifícios da clínica para, nos casos de violência contra a mulher, produzir-se como uma passagem possível da devastação feminina para o sintoma analítico. Esse trabalho foi apresentado no VII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano - *Psicanálise e Felicidade - sintoma, efeitos terapêuticos e algo mais*, em novembro de 2008, no Rio de Janeiro. Entendo que a produção nesse cartel foi decisiva para minha admissão como membro da EBP, em abril do ano seguinte.

Você já era membro de Escola nessa ocasião?

Não, era aderente.

ENTREVISTANTOS: Conte-nos uma passagem em sua experiência de supervisionando(a) na qual tenha ocorrido mudança na sua posição de analista em formação. Ou seja, uma passagem da supervisão do caso para a supervisão (controle) do ato analítico.

ARY FARIAS – Não me ocorrendo de imediato uma situação pontual como supervisionando, escrevo estas linhas baseadas no que penso que seriam os efeitos da experiência de supervisão na EBP, levando-se em conta a orientação teórica que respondemos.

Ainda que a supervisão seja uma alça do tripé da formação analítica, a sua prática sempre evidencia também traços pertinentes aos outros dois apoios, ou seja, movimentando discretamente elementos da fantasia e sintoma do supervisionando, bem como requer claramente o movimento dos conceitos teóricos analíticos que o caso por si só suscita.

Via de regra, a retransmissão de um discurso ao supervisor transmite de maneira evidente a escuta do analista. Esse efeito publica a estrutura da supervisão, que na interpenetração com os outros pilares da formação analítica, discretamente, ressoa o caso clínico do próprio analista/supervisionando.

Abrir um caso clínico à supervisão é consentir que algo não está se dando em seu melhor termo, ou que poderia haver uma perspectiva de escuta e consequente interpretação que levaria o caso a um outro patamar na relação, não só do analisante com seu inconsciente, bem como, do analista com sua escuta. Supervisionar é não se acomodar ao falso e perigoso conforto da audição acostumada. A escuta analítica, para sua eficiência, deve ocorrer fora da rotina dos sentidos macerados, que é por onde o sintoma floresce e se repete nas cristalizadas identificações do neurótico. No caso de uma psicose, penso que a supervisão poderia reorganizar a leitura do delírio enquanto construção estabilizante e, não o contrário. Na psicose ordinária a supervisão repercutiria no sentido de desobstruir a escuta do analista diante dos arranjos significantes desse sujeito que se escora, provavelmente, nas sutilezas da lalíngua.